

Correção de rumo já era esperada

O sucesso inicial do plano teve um efeito adverso. A sensação de estabilidade levou a população a aumentar o consumo. Esta pressão da demanda, na avaliação de Dionísio Carneiro, afetou o setor industrial, que acabou aumentando os preços, levando o governo a baixar o pacote anticonsumo há dez dias, reduzindo o número de prestações nos crediários e criando um compulsório sobre os empréstimos bancários.

Rogério Werneck acha que a correção de rumo já era esperada porque um plano com o perfil do Real levaria mesmo a um aumento de demanda. Restava saber apenas quando as medidas seriam tomadas. "A correção de rumo é mais do

que bem-vinda. Isto não significa que o plano está dando errado."

A dificuldade da equipe econômica de determinar o momento de intervir no mercado se deve à escassez de informações sobre o desempenho da economia, entende Carneiro. "Há uma defasagem estatística de dois a três meses dos dados de produção e consumo e isto impede uma avaliação melhor do comportamento do mercado."

"A equipe dirige a economia num voo cego. É como se estivesse olhando por um retrovisor." Por isso, é impossível estimar se a população está consumindo mais por confiança ou por desconfiança no plano, diz Carneiro.

Lentidão — A falta de dados atrasou a percepção do governo de que o aumento do consumo estava acima da capacidade de produção das indústrias. Nem mesmo as importações eram capazes de atender rapidamente a este aumento de demanda. O alarme soou em Brasília,

quando as taxas de inflação começaram a recrudescer. Não restou outra alternativa à equipe senão a de fazer algumas "maldades de curto prazo", avalia Carneiro, referindo-se ao pacote de restrição ao crédito.

Estas medidas têm efeito rápido, mas não afetam apenas o consumo. Mexem também com a capacidade de investimento das empresas, acrescenta. Segundo Werneck, este é um complicador a mais para a equipe. O compulsório de 15% sobre os empréstimos dos bancos é classificado pelos economistas como uma "medida devastadora". "Houve uma trava geral do crédito. Temo, porém, que esta trava seja muito mais sobre a produção do que sobre o consumo" observa Werneck.

Bancos — O pacote não afeta apenas as empresas, mas também os bancos, que pretendiam garantir seus lucros em um cenário de inflação baixa com aumento dos empréstimos. Por esta razão, Dionísio

Carneiro alerta que medidas tão restritivas não podem ter duração prolongada, sob pena de provocar uma recessão aguda.

Passados quatro meses do plano, os economistas fazem uma avaliação não muito animadora: a de que as empresas ainda não estão apostando no longo prazo. A prova é que não fizeram novas contratações de pessoal e nem planejam aumento grande da oferta para os próximos meses. Esta desconfiança, associada à melhoria do poder aquisitivo da população, resultado do fim da corrosão dos salários pela inflação, criou uma defasagem entre a produção e a demanda.

Paulo Nogueira Batista Junior, da FGV-São Paulo, vai mais além e diz que a dicotomia entre consumo e produção não poderá mais ser resolvida com aperto de crédito e juros altos. A solução está num ajuste fiscal muito forte, que prove para a população que este plano é diferente dos anteriores.